QUEM É ESTA JUDIA? AS RELAÇÕES DE PODER NA COMUNIDADE MAGUEN DAVID-CAMPINA GRANDE /PB

Mirella de Almeida Braga¹

Emanuel Oliveira Braga²

PPGA – UFPE

Resumo: O objetivo deste trabalho é o de propor discussões acerca da articulação entre gênero e religião na contemporaneidade, buscando analisar a organização dos sistemas simbólico-religiosos dos judeus na comunidade judaica Magen David, em Campina Grande/PB, experiência descrita através do trabalho de campo produzido durante o período de junho de 2014 a fevereiro de 2016, na referida comunidade. As religiões se mostram como um importante referencial moral para a vida, instituindo sentidos as subjetividades masculinas e femininas. O presente estudo oferece contribuições analíticas diferenciadas em relação a determinados debates travados no âmbito dos chamados estudos feministas, propondo outros olhares sobre as relações de poder tipicamente caracterizadas nas abordagens das interfaces entre gênero e religião.

Palavras-chave: Comunidades Judaicas. Identidades. Gênero. Religião

Abordar a temática da tradição religiosa judaica, no Brasil, é trazer à tona a herança cultural da história de um povo, mas é, também, no tempo presente, buscar o ideal de vida judaica contemporânea e sua influência na forma como mulheres e homens devem se portar e atribuir sentido as atividades da vida cotidiana, seja no ambiente doméstico ou na sinagoga. O presente trabalho busca desestabilizar a ideia de que a dominação masculina é a imposição de uma visão mais doméstica das mulheres, atribuindo um papel “assumido” pela religião, conforme Souza (2009, p. 53), “a religião é uma das responsáveis pela produção e reprodução dessa hierarquia dos sexos, sacralizando papéis socioculturalmente construídos”.

Na sociedade brasileira atual, as evidências empíricas mostram que seres humanos masculinos e femininos não ocupam o mesmo lugar na sociedade. Os indivíduos são definidos, em termos de lugar/imagem – com sua respectiva distribuição de poder –, no caso do nosso estudo, na religião judaica, com base nas condições de

¹ A autora é Graduada em Direito e licenciada em História pela UFPB. É mestre em Antropologia (PPGA/UFPB) e em Ciências das Religiões (PPGCR/UFPB). Atualmente é Doutoranda em Antropologia pelo PPGA/UFPE. Endereço eletrônico: profabragad@gmail.com

²² Co- autor do trabalho. Doutorando em Antropologia pelo PPGA/UFPE. Antropólogo no IPHAN/PB.

pertença de classe, de gênero, de domínio do hebraico, da afinidade/participação nas atividades da Sinagoga, dentre outras formas participativas, que dão significado à sua existência social consolidada dentro de uma comunidade judaica.

A minha experiência como etnógrafa tem sido intensa³, compartilhando boas experiências junto à comunidade judaica Maguen David em Campina Grande, em constante diálogo com pessoas dispostas a contribuir com a presente aventura antropológica proposta. Devo a eles não apenas um rico conjunto de informações que me disponibilizaram, mas também a oportunidade de experienciar a diferença, permitindo-me lidar com uma nova vivência religiosa. Os diálogos constantes e o convívio com estas pessoas cumpriram um importante papel, pois me inseriram no rico contexto da experiência judaica, ensinando-me, assim, a complexidade e a diversidade cultural desse sistema filosófico.

Tratar dos poderes femininos e situá-los nas relações de gênero, vivenciadas no contexto da religiosidade judaica é a proposta. As relações sociais de poder em que o gênero feminino é encontrado através de uma visão dócil e doméstica das mulheres, mas essa visão que pode ser definida através dos escritos da lei hebraica, onde as mulheres são ambientadas a compor o universo doméstico deixando para os homens a composição dos serviços nas sinagogas não é plenamente vivida na comunidade Maguen David, mulheres que frequentam a comunidade comungam da ideia de que, “a mulher deve edificar o lar, sendo a mão mestra, a guardiã da memória, a difusora do judaísmo e de suas sementes, mas deve também participar ativamente das atividades que compõem o cotidiano da sinagoga, mostrando a força feminina no agrupamento dos membros e de seus serviços religiosos”. Assim percebi nos encontros que participei a existência de uma liderança feminina dentro da comunidade, seja no Shabat, em conversas externas a sinagoga, ou no ritual do Yom Kippur.

Segundo os judeus, e que deve ser seguido para concretização dos mandamentos (*mizvots*), podemos perceber que as mulheres para o judaísmo é fonte primordial da educação doméstica e difusão dos costumes judaicos. Ou seja, o tema remete à busca do desvelamento dos efeitos da recente adesão religiosa à fé judaica das mulheres judias em Campina Grande na construção da subjetividade feminina judaica na vivência herdeira da matriz hebraica e no uso cotidiano da mesma.

³ A autora faz menção a pesquisa do mestrado, bem como a evolução do seu projeto de Tese acerca das comunidades judaicas na Paraíba, especificamente em Campina Grande/PB.

Pensar o “papel social” ocupado pela mulher judia no ambiente interno e externo ao seu lar remete ao aprendizado e reflexão que não são identificáveis nos limites racionais, pois são realizados e resultam de um movimento para dentro e compreendido só a partir da experiência, da vivência. Assim será permitido alcançar a integralidade do vivido.

Scott (1994) define gênero como um saber, no sentido foucaultiano, como produto de jogos discursivos de significados, a despeito das diferenças sexuais, e nos propõe que ao invés de aceitarmos a oposição binária – masculino e feminino – como real ou algo evidente na natureza das coisas, poderíamos pensar na forma como ela operaria, revertendo e deslocando sua construção hierárquica. Gênero deveria então ser um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado ao longo do tempo.

Segundo Scott,

Por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (Scott, 1998, p. 15)

O pensamento acerca de “gênero” trazido pela Linda Nicholson (2000, p. 42), nos diz que,

“Gênero” é uma palavra estranha no feminismo. Embora para muitas de nós ela tenha um significado claro e bem conhecido, na verdade ela é usada de duas maneiras diferentes, e até certo ponto contraditórias. De um lado, “gênero” foi desenvolvido e é sempre usado em oposição para descrever o que foi socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado. Aqui, “gênero” é tipicamente pensado como referência a personalidade e comportamento, dado ao corpo; “gênero” e sexo” são portanto compreendidos como distintos. De outro lado, “gênero” tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção do masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos “femininos” de corpos “masculinos”.

Ao pensar que no judaísmo o papel da mulher é diferenciado do papel que a mulher desenvolve no cristianismo, por exemplo, as regras, as obediências, os papéis no ambiente religioso são diversificados, a figura feminina e os papéis a ela delegados. A lógica da divisão dos papéis sociais no judaísmo é identificada como incorporação da

ideologia patriarcal, o que impede que as mulheres tenham à consciência da sua condição de submissão e enfrentem-na. Entretanto, como não existe um “judaísmo” homogêneo e unificador de padrões culturais, este artigo oferece uma contribuição para a interpretação de determinados modos de “ser judia”, ou, especialmente, de “se tornar judia” em Campina Grande/PB.

O entrelaçamento de trajetórias individuais, familiares e sociais mostraram-se boas estratégias metodológicas para se pensar a construção de identidades religiosas, fronteiras étnicas, e conflitos de fé, bem como apontaram para o fato de que o etnógrafo, ao interagir com sujeitos atuantes em sistemas culturais diferentes do seu, experimenta o desencadeamento de complexos processos subjetivos na sua própria pessoa.

Desta maneira é no entrelaçar das trajetórias e na relação de participação/observação do etnógrafo que surge a tentativa de entendimento dos universos culturais diversos que se tocam diante da experiência humana de comunicação.

2. O exercício do poder no judaísmo

No judaísmo a distribuição de poder decorrente da interconexão desses quesitos modela os seres, determina modos de ser e pensar; institui uma geografia social, uma cartografia. Essa cartografia está ancorada, por sua vez, em desigualdades construídas historicamente, através de representações culturais. Assim, a geografia do poder institui formas de simbolizar os líderes das comunidades judaicas, colocar um significado maior, especial, ao que conduz o *Shabat* e todas as preces à comunidade, e ao mesmo tempo, essas práticas e formas de pensar/sentir o mundo produzem efeitos nessa complexa teia de poder, na estrutura da sociedade.

No pensamento de Pierre Bourdieu (2002), ao analisar a dominação masculina, o autor identifica na experiência masculina relações de dominação. Para alguém ser considerado homem, é importante que apresente símbolos dessa virilidade. Esses símbolos devem ser auto-evidentes, pois “ser homem, no sentido de vir, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do ‘é evidente por si mesma’, sem discussão”. Na comunidade evidenciada em nossa pesquisa é costumeiro observar a composição de uma visão feminina que vai além do papel de que, a mulher judia, “edifica o lar, é a sábia na educação dos filhos, e a guardiã da memória judaica”. São elas, as mulheres, participantes diretas nos rituais da sinagoga e na preparação do

ambiente. Homens e mulheres na Maguen David participam ativamente da construção do “tornar-se judeu”.

Segundo Bourdieu (2002), a força da dominação masculina reside sobre dois pilares: “ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada”. A dominação não é apenas uma questão performática, uma questão de desempenho de papéis sociais prescritos pela sociedade. Ela está inscrita nos corpos, a partir de regras de seu uso legítimo, na lei hebraica e nos dispositivos usados pelo judaísmo.

Na comunidade Maguen David a construção de discursos que reafirmam nos tempos modernos a divisão social dos papéis ocupados por homens e mulheres seguindo a afirmação do sexo. Como também é possível observar discursos femininos presentes na comunidade abordando uma visão muito além do comportamento, encarando também uma questão de intelecto que envolve sentimentos de como se deve enfrentar a vida dentro e fora dos símbolos religiosos.

Os corpos carregam em si marcas diacríticas, construídas com o recurso a ações públicas e privadas, verdadeiros atos de instituição. Roupas, gestos, ritos de instituição são meios tácitos de tornar um homem masculino e uma mulher feminina e dividir os papéis sociais que cada um deve ocupar.

3. Masculino e Feminino

Percebi claramente quando fiz minha pesquisa de campo na comunidade Maguen David⁴, em Campina Grande – PB, que o espaço da sinagoga é um espaço simples, ou seja, não há preocupação com a “estética do belo”, porém sentia-se que a mesma era um lugar especial, um lugar de encontro. A comunidade judaica Estrela de Davi tem sede em frente ao Bar da Curva, em uma casa comum, de classe média. A casa serve de apoio aos encontros dos membros, onde funciona a sinagoga. É uma casa alugada, de propriedade de um frequentador da comunidade, o senhor Inézio⁵, homem de aproximadamente sessenta anos, apaixonado por política, principalmente a política campinense. A sinagoga em si é um local que comporta cerca de quarenta pessoas. De um lado estão as cadeiras brancas reservadas às mulheres e de outro lado as cadeiras reservadas aos homens. A sala contém poucos ornamentos, não há excessos, e são

⁴ Este artigo é parte integrante de trechos da dissertação de mestrado da autora, Mirella de Almeida Braga, junto ao mestrado em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

⁵ Nome fictício usado para preservar a identidade do entrevistado.

evitadas imagens e qualquer tipo de esculturas, mas nota-se a presença da Arca Sagrada, que contém os rolos da Torá. De frente para as cadeiras do lado masculino, ao fundo, há uma mesa com uma toalha branca onde fica o castiçal e o Sidur que são os livros de orações usados nas sinagogas oficiais, na comunidade existe a distribuição de livros do Sidur para os membros, os mesmos são expostos numa mesa retangular que fica na entrada da sinagoga.

Na comunidade estudada usa-se uma réplica da Torá, ela está coberta por tecidos ornamentados, e é o objeto sagrado que recebe atenção especial, sua retirada e recondução à Arca requerem todo um rito produzido e conduzido pelo líder da comunidade, e acompanhado pelos demais membros com louvores.

Nos ritos judaicos percebi que cabe a mulher as obrigações rituais realizadas no espaço doméstico como o acendimento das velas no início do *shabat*, o período ritual que se estende do final da tarde de sexta feira até o final da tarde do sábado, a preparação dos alimentos segundo prescrições rituais; a observância da pureza ritual, que determina a separação dos casais no período menstrual e pós-parto da mulher, o que inscreve o espaço feminino nos limites da esfera privada. As mulheres participam das atividades religiosas sinagogais e, quando vão à sinagoga, se acomodam em um lugar separado dos homens para não lhes tirar a concentração neste importante momento de contato com o sagrado. Até na entonação dos cânticos, as mulheres devem acompanhar em voz baixa deixando para a figura masculina todo o papel de pronunciar e exaltar as palavras. Aos homens é delegada a leitura da Torá, a exaltação dos cânticos e todas as preces presentes na Sinagoga.

É interessante notar como esses espaços são associados à presença dos gêneros, a sinagoga seria o lugar do masculino e o ambiente doméstico, a casa, o lugar do feminino. Ressaltamos que a naturalização da dominação masculina, a partir dos esquemas de percepção, dos símbolos, da cultura e da oposição binária entre o masculino e o feminino, dificultando o questionamento das desigualdades entre os sexos. A incorporação da ideologia patriarcal pode impedir que as mulheres construam então à consciência da sua condição de submissão e enfrentem-na. Para Bourdieu:

Quando os dominados aplicam àquilo que os dominam esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento e submissão. (Bourdieu, 2002, p. 22)

No judaísmo não há igualdade na distribuição dos papéis sociais, claramente o papel dos sexos é diferenciado, no sentido de um completar o outro. As relações de gênero no judaísmo estariam diretamente ligadas aos sexos, e as explicações relacionadas ao “biológico” ou a características imputadas pelo divino, com a ideia de uma força superior masculina. Percebemos isso nas celebrações, nos costumes e em toda a tradição judaica, onde temos a afirmação categórica de que a mulher é a coluna do judaísmo, é outorgado à mulher um claro papel complementar ao do homem, subordinando-a a ele, e sendo ela a fonte segura da educação dos filhos, a redentora do lar. O ritual de celebração do Shabat é rigoroso quanto ao horário, iniciando às 18:00 horas, no nascer da primeira estrela, segundo os judeus, nas noites de sexta-feira. Como fora dito anteriormente, homens e mulheres permanecem sem separado. Os Homens usam o kipá⁶, alguns também utilizam o Talit,⁷ as mulheres usam vestidos longos ou saias longas, cobrem todo o cabelo com um lenço. O serviço religioso é dirigido pelo líder da comunidade Carlos Magno⁸, o mesmo tem o domínio do hebraico e conduz de forma simples o serviço religioso.

Ainda com relação ao líder religioso da comunidade Maguen David foi percebido em minha pesquisa de campo, que o mesmo é casado e possui três filhas, mas apenas ele frequenta a sinagoga, as filhas e a esposa não seguem o judaísmo. Nessa observação pude perceber que mesmo sendo o Carlos Magno um líder religioso, em seu ambiente doméstico o mesmo não possui a “dominação masculina” através do elemento religioso.

É claramente percebido na Maguen David que as mulheres seguem uma tabela estabelecida e afixada numa espécie de quadro de informes para manutenção e organização da sinagoga. Além do estabelecimento dos nomes para a produção da challah no Shabat, o acendimento das velas na sinagoga, dentre outras tarefas distribuídas semanalmente. A divisão é feita por Carla Jungle.

As mulheres da comunidade, em número de dez, distribuídas entre jovens e senhoras. As senhoras, cinco ao total, são donas de casa. As mais jovens, estudam e trabalham. A presença das mesmas na comunidade nos rituais é marcada não apenas pela organização da sinagoga, como também pelo comportamento estabelecido no

⁶ Kipá é um chapéu usado com um lembrete constante da presença de Deus onde quer que vá o judeus. É um dos símbolos judaicos bastante conhecidos.

⁷ Talit é um acessório religioso judaico em forma de um xale feito de seda, lã ou linho, tendo em suas extremidades as tsitsiot ou sissiot "sefaradi" (franjas). Ele é usado como uma cobertura na hora das preces judaicas, principalmente no momento da oração de Shacharit (primeiras orações feitas pela manhã).

⁸ Nome fictício.

shabat e em outros serviços, a exemplo dos cânticos e orações propostos na noite, que para concentração máxima dos homens, as mulheres entoam sempre em uma voz mais baixa.

Para a mulher judia são delegados três preceitos, desde a educação dos filhos, o acendimento das velas, a separação dos alimentos incluindo a preparação dos pães para a Challah, o agrupar da comunidade, dentre outras tarefas. Quanto ao papel de reprodutora cultural, a mulher judia exerce papel central, pois para a família ela é a responsável pela transmissão oral das 'histórias familiares' além de ser também a responsável direta pela dieta alimentar do marido e de toda família, uma das funções a ela delegada é a de "vigilância alimentar." O comportamento relativo à comida é diretamente ligado ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social, e isso parece valer para todos os seres humanos. Reagimos aos hábitos alimentares de outras pessoas, quem quer que sejam elas, da mesma forma que elas reagem aos nossos (MINTZ, 2001).

Percebi na fala da Carla Jungle o sentido de "seguir, via de regra", aos preceitos judaicos da mulher, ela nos diz,

A mulher é a coluna do judaísmo, então, a criação dos filhos, tudo! Existem os três preceitos da mulher no judaísmo, o acendimento das velas, o Shabat, a pureza do lar, tudo o que acontece a gente separa os utensílios de leite, de gado, tudo e a separação da Challah. Então tem que fazer.

O discurso colocado pela Carla aqui não se restringe ou se refere à fala, mas à ideologia carregada nela, sendo a linguagem uma ferramenta para exteriorizar o pensamento, a ideologia da interlocutora. Destacamos aqui a importância de se investir na desmistificação dos símbolos e da ideologia machista e patriarcal que reproduzem como natural às relações de gênero desiguais e a dominação masculina, no que analisamos enquanto "simbologia para o judaísmo". Usamos da análise produzida por Kochmann para o pensamento contemporâneo ao falar do agenciamento político da mulher no judaísmo, ela nos diz,

Seguindo a lógica de que a mulher judia pode assumir obrigações religiosas mesmo onde estaria isenta, e que - assim como acontece em todos os campos da sociedade atual - almeja participação igualitária nos campos rituais e religiosos, muitas mulheres judias reclamaram o direito de estudar nos mais altos níveis acadêmicos religiosos a fim de se formar como rabinas e desempenhar as ações de líderes religiosas e comunitárias. (Kochmann, 2005, p. 7).

Geertz (1989) em sua análise sobre a religião como sistema simbólico sugere que a religião teria a capacidade de servir, para um indivíduo ou grupo, como fonte de concepções do mundo, de si próprio e de suas relações, induzindo disposições e motivações, um modo da atitude. Ao mesmo tempo em que forneceria um modelo para a atitude, definindo uma imagem da ordem cósmica, um conjunto de concepções metafísicas. As religiões, a exemplo de outros sistemas culturais, apresentariam uma ideia da ordem cósmica, e permitiriam que as relações sociais fossem apreendidas, não apenas interpretando, mas modelando processos sociais e psicológicos.

Dessa forma, o ideal de vida judaica influencia e é justificado como a forma que mulheres e homens devam se colocar nas atividades da vida cotidiana, em casa ou na sinagoga. Nesse sentido, vale salientar que a mulher é “liberada” da obrigação de cumprir alguns preceitos, e são determinadas as prioridades a que ela deve dedicar seu tempo. Das obrigações às quais as mulheres judias estão liberadas é a de comparecer à sinagoga. É importante mencionar que ao contrário de outras religiões, no judaísmo, muitos preceitos são cumpridos no ambiente doméstico, a exemplo o *Shabat*, período que corresponde ao pôr-do-sol da sexta-feira ao pôr-do-sol do sábado, dia de descanso que representa o sétimo dia do Gênesis, após o sexto dia de criação. O *Shabat* é marcado por três refeições festivas e uma série de restrições, somando trinta e nove (39) atividades proibidas, e as refeições especiais são feitas em família. Daí a figura feminina tem um grau de importância elevado, já que a mulher é a grande responsável pela “boa formação” do lar. Percebemos nestes espaços, sinagoga e ambiente doméstico a associação imediata dos gêneros.

Carla Jungle⁹ é uma jovem senhora de aproximadamente 45 anos, nascida no Rio Grande do Norte, dona de casa, mãe de dois filhos, o Júnior, de 19 anos que atualmente serve ao quartel no Recife, e o José, de onze anos. Uma criança que “já nasceu na fé judaica”. Antes de conhecer o judaísmo, Carla professava a fé protestante, era frequentadora da igreja Assembleia de Deus em Alagoas, Maceió, onde morava com seu esposo João e o filho mais velho. Carla tem sua origem religiosa em uma família de pai católico, “mas não praticante”, e mãe assembleiana convicta. Casou com João quando o mesmo servia ao exército em Natal/RN. Anos depois João foi transferido e foram morar em Alagoas onde eram frequentadores da Assembleia de Deus. Carla é uma seguidora fiel das celebrações, costumes e tradições judaicas, afirmando

⁹ Nomes fictícios dados para preservar a identidade das pessoas entrevistadas.

categoricamente que a mulher é a coluna do judaísmo, é a fonte segura da educação dos filhos, é a redentora do lar. Defende que a mulher possui três preceitos no judaísmo, desde a educação dos filhos, passando pelo acendimento das velas, até a separação dos alimentos, incluindo a preparação dos pães para a *Challah*. Observei que Ana Elya busca se dedicar “com naturalidade” aos preceitos judaicos da mulher no seu trato cotidiano, e que a mesma, bem como a sua família, procuram seguir na íntegra todos os preceitos judaicos. Como ela mesma coloca, “a religião é o fio condutor das boas ações”. Neste caso a adesão a fé judaica foi consciente e refletida o que facilita a incorporação ao papel feminino atribuído pelo judaísmo.

4. Uma clara divisão

As desigualdades de gênero dão origem à violência de gênero, podendo levar a violência contra a mulher (MENEGHEL e MARTINI VIAL, 2008). O status particular da mulher judia se manifesta, não só na separação entre homens e mulheres nas sinagogas, e até na frequência em que mulheres estão ou não nas sinagogas, mas também na exclusão da mulher de cumprir a grande maioria dos preceitos positivos¹⁰ judaicos.

Percebi que a mulher no judaísmo é fundamental, já que é através dela que se estabelece a descendência judaica, pois através da linhagem sanguínea existe a comprovação da pertença ao mundo hebraico, o “ser judeu”. Essa tese possui força de ação por ser adotada pelo Estado de Israel, além de grande parte das comunidades judaicas ao redor do mundo. Assim é reconhecido como determinante apenas a descendência na linha materna e desconhece a linha paterna. Nesse sentido, Immanuel (1987, p. 18) nos diz que,

O status da mãe biológica (exclusivamente) determina o status da criança. Se a mãe biológica é judia, então não importa qual seja o seu pai biológico, todos os seus filhos são judeus. Se ela não for judia, é indiferente quem ou o que o pai é, todos os filhos também não são judeus.

Existem outros casos, a exemplo do casamento misto, (percebemos que na Comunidade Maguen David as mulheres prezam pelo casamento entre judeus para seus

¹⁰ Ao falar dos preceitos positivos temos que no judaísmo ortodoxo reconhecemos 613 preceitos, 248 positivos e 365 negativos, sendo que a grande maioria dos preceitos positivos devem ser realizados em horários específicos. A tradição ortodoxa exige a mulher da obrigatoriedade dos primeiros, explicando a sua impossibilidade de levá-los a cabo como decorrência de seu papel fundamental na criação dos filhos (existindo a partir dessa questão a impossibilidade de seguir os horários propostos).

filhos, pedindo ao “Divino” esta bênção), mãe judia e pai não judeu, os filhos nascem judeus. Se, por outro lado, somente o pai é judeu, “os filhos desse casamento não são judeus e, se quiserem tornar-se, terão de passar pela conversão religiosa, da mesma maneira que qualquer outro gentio” (ASHERI, 1987, p. 3). A conversão não é uma “forma fácil” de obter o título de judeu, o reconhecimento. Ela é um processo longo, que requer um pagamento específico para obtenção do certificado, o torna-se judeu é uma busca cotidiana e requer um grande esforço físico, mental e monetário.

A patrilinealidade é defendida pelo judaísmo caraíta (seguido em Campina Grande por uma pequena comunidade de aproximadamente 20 membros, localizada no Bairro do José Pinheiro). E ainda existe a tese que ambos os pais podem dar ao filho a condição de judeu, a qual é defendida pelos judeus reformistas que reconheceram a validade da descendência paterna mesmo que a mãe não seja judia. Isto desde que a criança seja criada como judeu e se identifique com a fé judaica. Esta atualização da regra judaica é uma forma de fortalecer o patriarcalismo, o papel masculino da ideologia religiosa judaica. É o recolhimento da tradição judaica.

Em diversos momentos vividos no judaísmo são percebidos o distanciamento do que seria “ideal feminino” e “ideal masculino”, um exemplo seria no caso do *Shabat* (dia de descanso dos judeus) estendido desde o anoitecer de sexta-feira à noite de sábado. Destacamos o papel da mãe que tem a função de acender as velas na noite de sexta-feira, cuja finalidade é trazer mais luz para o lar. A única oração realizada pela mulher é a que acontece no momento em que se acendem as velas no *Shabat*, em minha pesquisa de campo ficou bastante nítida esta oração, bem como a divisão das tarefas. Havia atribuições distintas nas comunidades que visitei em Campina Grande, que eram incumbidas aos judeus e outras às judias. Entre as tarefas destinadas aos homens reside a realização de atividades rituais como a leitura da Torá, as bênçãos na sinagoga, os cânticos em voz alta, dentre outras.

Já as mulheres judias tinham a finalidade de manter a integridade da família principalmente, pelos preceitos do judaísmo. Cabendo ao universo feminino a realização de rituais específicos a mulher como o ato de acender velas e orar no *Shabat*. Outra importante observação, e clássica divisão de gênero são expostas na questão da alimentação. O conhecimento dos pratos típicos é repassado de geração em geração, e todos os hábitos alimentares são resgatados pelas mulheres. A mulher judia, para a grande parte das ramificações do judaísmo, é considerada como a grande responsável

pela manutenção da tradição judaica. Acerca da questão alimentar para os judeus, temos na fala da Carla Jungle¹¹, frequentadora da comunidade nos diz,

(...) porque muitas coisas caem mais para mulher. A mulher é a coluna do judaísmo, então, a criação dos filhos, tudo. Tem os três preceitos da mulher no judaísmo, o acendimento das velas, o *shabat*, a pureza do lar, tudo o que acontece a gente separa os utensílios de leite, de gado, tudo e a separação da *Challah*. Então tem que fazer.

A identidade familiar precede o próprio reconhecimento do sujeito como judeu na medida em que o situa numa estrutura de relações, a lealdade primordial é com aqueles que reconhecem parentesco e não com o grupo de mesma origem como um todo. Assim ela se torna peça chave para a difusão do judaísmo em Campina Grande, a partir de sua fidelidade aos mandamentos e interesse em propagar a lei hebraica aos demais. Percebi que mesmo no tempo atual, todas as figuras tradicionais de intolerância para a ocupação do espaço feminino na sinagoga, bem como a participação das mulheres nos ritos judaicos são bem marcantes. Percebi quanto à domesticação da figura feminina para os judeus, na divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres, ficando as mulheres judias com responsabilidades maiores no ambiente doméstico, a presença masculina na condução dos ritos e das orações, sendo o homem o condutor principal das atividades religiosas no judaísmo, dentre outras situações que são aceitas e reiteradas como expressões de normalidade, ou que são, aparentemente, neutras e puramente racionais.

Mesmo que certos costumes e tradições judaicas possam sofrer determinadas “adaptações”, a família de Carla está constantemente em vigilância em relação aos preceitos considerados corretos e “mais tradicionais” na concepção de sua comunidade. Esta vigilância é intensa por se tratar de um processo de iniciação. Eles precisam ser aceitos ritualmente por uma comunidade mais ampla e legitimada de judeus. Como observa Barth, “os elementos de uma iniciação são compostos por objetos e atos fundamentais do ritual e da religião da comunidade, ou seja, o conhecimento sagrado essencial da cultura” (2000, p. 146).

Considerações Finais

Neste artigo tentamos elaborar uma breve análise dos papéis agenciados e transformados pelos sujeitos, homens e mulheres, distribuídos na sinagoga, bem como

¹¹ Nome fictício usado para proteger a identidade da entrevistada.

fora dela, entre os judeus até os tempos atuais. Fiz uso ao longo do texto das informações que obtive através do meu trabalho de campo na sinagoga Maguen David em Campina Grande, a respeito do papel feminino e da desenvoltura da mulher no judaísmo, sendo estas análises minha fonte principal de informação, mas buscando alternar visões diversas e até contraditórias dos espaços e tempos da mulher no cotidiano do trabalho e da religião. A importância de discutir o gênero no judaísmo é primordial, eis o papel principal desse presente artigo.

Entendemos que a sociedade e a religião constroem concepções misóginas e excludentes observando nas mulheres seres humanos com funções diferentes dos homens. A estes cabem o estudo e a oração; a elas, a educação e as tarefas do lar, conforme explicamos ao longo do nosso artigo. Não é, portanto, um acaso que o rito masculino expressa as tradições e, através dele, a unidade e continuidade do grupo étnico se revelam.

O que foi percebido na comunidade em Campina Grande é que hoje em dia declarar-se judia implica em posicionamentos políticos, ideológicos e religiosos que qualificam as pessoas. Vai muito além da preocupação com a figura feminina e o papel exercido na sociedade, hoje desde o assumir de diferentes discursos e sistemas de representações que colocam essas pessoas em lugares a partir dos quais se situam em relação à sociedade envolvente e aos segmentos internos, até a questão das relações com as comunidades judaicas, a alteridade que existe entre as pessoas judias atua como um importante mecanismo de preservação da distintividade, mesmo sabendo que em Campina Grande observamos que as comunidades tendem a não reconhecer umas às outras. Devido a essas diferenças e divergências internas, ocorre a persistência da judaicidade, mesmo modificada com a apropriação de novos sentidos na constituição das pessoas judias. O papel feminino exercido pelas judias campinenses é resultante de uma conversão e não plenamente da tradição, elas seguem na caminhada tradicional do judaísmo, cumprindo os rituais, as leis dietéticas, os mandamentos da lei hebraica.

Na comunidade Maguen David a tradição e a mudança se revelam nas representações do gênero nos rituais da comunidade, bem como no cotidiano dos homens e das mulheres que a compõem.

Referências

- ASHERI, Michael. O Judaísmo Vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- BARTH, Frederik. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria, 2000.
- _____. “O guru e o iniciador: transações de conhecimentos e moldagem da cultura no sudeste da Ásia e na Melanésia”. In: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GEERTZ, Clifford. “A religião como sistema cultural”. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1989.
- FRANCHETTO, Bruna. “Antropologia e feminismo”. In: Franchetto, B.et AL. (coords.) Perspectivas antropológicas da mulher (1). Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- IMMANUEL, Jacob. Quem é judeu? Canadá: Shofas association of América, 1987.
- KOCHMANN, Sandra. (2005). “O lugar da mulher no judaísmo”. In: Revista de Estudos da Religião. São Paulo, PUC-SP, nº2. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_kochmann.htm>, acesso: 05/05/2015.
- MENEGHEL, Stela N.; MARTINI Vial, S.R, Rotas críticas: mulheres enfrentando as violências, Athenea digital, n.14, 2008.
- MEAD, Margareth. Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis, Vozes, 1971.
- MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. In: Revista brasileira de ciências sociais. São Paulo: ANPOCS, vol. 16, n. 47, out. de 2001.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, CFC/CCE/UFSC, VOL.8, N.2, 2000, p. 09/41.
- ROSALDO, Renato. Cultura y verdad: nueva propuesta de análisis social. México: Grijalbo, 1991.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & realidade. Jul/dez. 1995.

_____. La Citoyenne Paradoxale: les féministes françaises et les droits de l'homme. Paris: Ed Albin Michel, 1998.

SOUZA, Sandra Duarte de. LEMOS, Carolina Teles. A casa, as mulheres e a igreja. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.